

## MÚLTIPLAS ESCALAS DE ESPAÇO E DE TEMPO NA CONFIGURAÇÃO DO TERRITÓRIO

### 1º AUTOR

CARVALHO, Thereza Christina Couto; Ph.D, Oxford Brookes, UK; Docente do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense (PPGAU-UFF); Niterói; Brasil; thereza.urbanismouff@gmail.com

### 2º AUTOR

GUIMARÃES, Wandilson; Arquiteto Urbanista pela FAU-UFF, Mestrando PPGAU- UFF; Niterói; Brasil; wandilsonjunior@yahoo.com.br

## RESUMO

Este artigo busca responder à questão da agregação temporal cumulativa nas intervenções urbanas contemporâneas - como incorporar pré-existências aos projetos urbanos que articulam múltiplas escalas espaciais, a partir da genética urbana. Trata da rede de centralidades articuladas, ou policentrismo, como modelo espacial de cidade herdada e com potencial de futuro. O policentrismo é aqui entendido como atributo da forma urbana, caracterizando o tecido formado por centros de diferentes hierarquias, articulados em rede. Uma centralidade não é definida por projeto. Pode ser planejada mas não desenhada porque a forma urbana não é suficiente para produzi-la. É constituída de atributos singulares que atraem iniciativas individuais cumulativas as quais, mantidas certas condições de continuidade, têm consequências coletivas - transformam aquele trecho urbano em centralidades. A análise da genética morfológica dessas centralidades revela temporalidades acumuladas e variados processos sociais imbrincados nos padrões espaciais ainda visíveis. Diferentes ritmos de mudanças, percebidos a partir das perspectivas de distintas escalas espaciais, impregnam a forma urbana e apontam para distintos futuros, expansão, consolidação, valorização ou contração. Thereza Carvalho, com Wandilson Guimarães, discutem e ilustram a ideia da agregação espacial do tempo na cidade do Rio de Janeiro, sob intervenção de projetos urbanos de grande escala. Pesquisa em andamento apoia os resultados preliminares aqui apresentados.

Palavras-chave: morfologia urbana; configuração urbana orgânica; ordenamento territorial; policentrismo; escalas espaciais temporais

## ABSTRACT

This article deals with processes of urban configuration prevalent in different periods and corresponding urban forms. It discusses urban vitality and networks of centralities, or policentric urban areas, as possible models for sustainable cities. Policentrism is here understood as an attribute of the urban form whose configuration reveals multiple centers of different hierarchies, different social processes with distinct intentions and spatial scales, all networked together. Different urban tissues, with distinct rhythms of change, either expanding, contracting or recreating, take place and indicate different future perspectives. Centrality cannot be not defined by design as it may be planned but not designed - the urban form is not sufficient to make it happen. It is associated with vitality, made out of singular attributes that attract multiple individual cumulative initiatives that, in some circumstances, have collective repercussions. They transform texture into vital places with future perspectives. Policentric urban model, therefore, understands city as the place where different social processes converge. The change and continuity of the urban forms that make them visible indicate distinct cumulative periods of time, whose permanence indicate different values and meanings socially still acknowledged.

Key-words: urban morphology; policentric city; spatial planning; space and time scales.

## RESUMEN

Este artículo trata del conjunto de múltiples temporalidades en la producción de la ciudad contemporánea. Se discute la idea de la vitalidad urbana asociada a una red de centralidades articuladas, o policentrismo como un modelo espacial de ciudad sustentable. El policentrismo se entiende aquí como un atributo de la forma urbana, caracterizando un tejido conformado por centros de diferentes jerarquías, donde las temporalidades acumuladas revelan variados procesos sociales percibidos desde las perspectivas de distintas escalas espaciales articuladas en esta red. Diferentes ritmos de cambios de expansión y contracción, que se alternan, impregnan la forma urbana y apuntan a distintos futuros. Una centralidad no se define en un proyecto. Puede ser planificada pero no diseñada porque la forma urbana no es suficiente para producirla. Se compone de atributos únicos que atraen iniciativas individuales acumulativas las cuales, manteniendo ciertas condiciones de continuidad, tienen consecuencias colectivas - transforman la trama y la textura urbana en potenciales centralidades, consolidadas o en expansión, con perspectivas de futuro. Así, comprende-se la ciudad como un lugar donde los procesos sociales se cruzan, donde las formas urbanas que les dan visibilidad señalan, a su vez, distintas temporalidades cuya acumulación y permanencia, donde y cuando ocurren, entendidas a la luz de otras escalas temporales, indican procesos sociales vitales cuyos significados y valores reconocidos por distintos grupos sociales remiten a los contextos espaciales donde aquellos fueron generados.

Este artículo lleva a debate esta perspectiva a partir de un ejemplo que ilustra su práctica.

Palabras clave: morfología urbana; configuração urbana orgánica; ordenación territorial; policentrismo; escalas temporales espaciales

## MÚLTIPLAS ESCALAS, DE ESPAÇO E TEMPO, NA PRODUÇÃO DA CIDADE: GENÉTICA URBANA E VITALIDADE

### INTRODUÇÃO

“A pesquisa da forma urbana combina e reconcilia o duelo vital entre a persistência do artefato urbano e as mudanças socioeconômicas.” (KOSTOF, 1991, p.41)

A relativa inércia das estruturas físicas que caracterizam a cidade constitui permanente desafio à rapidez das mudanças que distinguem a sociedade urbana. Inovações científicas, tecnológicas, artísticas e econômicas ocorrem mais rápido, com maior intensidade e com maiores impactos na cidade do que em qualquer outro território. Esses impactos somam-se, sucedem-se, ampliam-se e encolhem-se, em diferentes ritmos de mudanças, em distintos períodos de tempo, com, igualmente, distintas expressões espaciais. O estudo da forma urbana, com foco nesse permanente processo de mudança e configuração que a produziu, no passado, e que ainda a produz, no presente, emerge em diferentes disciplinas - geografia, história, arquitetura e urbanismo, planejamento, sociologia, economia - com fundamentações teóricas distintas a partir de cada uma dessas perspectivas.

Neste artigo, a evolução urbana é tratada a partir da sua morfologia, com destaque para as forças de configuração que, propõe-se, expliquem a sua gênese e níveis de vitalidade nos dias atuais. O recorte territorial escolhido foi um segmento da área central da cidade do Rio de Janeiro, próximo do porto ora objeto de intervenções projetuais de diferentes naturezas. Todas têm, em comum, o propósito da “revitalização” e a grande escala física.

A hipótese a ser explorada é de que a vitalidade urbana está associada a múltiplas iniciativas de apropriação da cidade, com diferentes escalas físicas, acumuladas no mesmo espaço e consolidadas ao longo de períodos distintos, empreendidas por variados decisores individuais e coletivos.

## UM BREVE PANORAMA EM MORFOLOGIA URBANA PARA CONTEXTUALIZAR A HIPÓTESE

Na linha do tempo construída por Tian, Gu e Tao (2014), a origem do termo morfologia é atribuída às ciências biológicas do século XVIII, posteriormente adotado como método de estudo da forma e da estrutura da paisagem, na Geografia, por Ritter (1779-1859). A morfologia como método explicativo na formação da paisagem humana/urbana, no entanto, somente aparece, ao final do século XIX (1899), com Schlüter. Ele explora as possibilidades do método para a descrição detalhada das formas visíveis e tangíveis feitas pelo homem para ocupação e uso do solo, com a finalidade de prover explicações genéticas e funcionais quanto aos propósitos que o motivavam, ao longo do tempo, para a produção de paisagens específicas. Insatisfeito com a morfologia descritiva que se apresentava à sua época, e consciente da interdependência da forma, função e desenvolvimento na Geografia, o estudioso alemão foi, talvez, o primeiro a vislumbrar a morfologia explicativa.

Em meados do século XX, a abordagem morfológica foi mais especialmente desenvolvida por M. R. Conzen (1960), como ferramenta de análise de planos urbanos. Formula um conjunto de categorias analíticas que fundamentarão a chamada escola inglesa de morfologia urbana que inova, principalmente, por adotar a perspectiva evolucionista introduzindo o conceito de desenvolvimento na formação da paisagem urbana. Esta contribuição da escola Conzeniana revelou o potencial desta abordagem para além das usuais implicações para preservação e conservação do patrimônio - mostrou a sua importância para a formulação de políticas de gestão e de planejamento urbanos.

Paralelamente, as contribuições do grupo de professores e pesquisadores da Universidade de Roma, formado por Muratori, Caniggia (1979) e Rossi (1966), apresentam foco na arquitetura. Prédios e espaços abertos são classificados por tipo. Os tipos representam diferentes gerações de tradições construtivas e suas variações dentro de cada geração. Os tipos refletiriam os diferentes estamentos sociais e econômicos das pessoas para quem tinham sido originalmente destinados. Estudos tipológicos fazem a ponte entre a escala do prédio e a escala da cidade. Tratam da classificação dos tipos de edificações e dos espaços

abertos como meio de descrever e explicar o processo tipológico que gerou aquela forma urbana, com evidentes implicações para a conservação e gestão do patrimônio edilício assim como, também, para o desenho urbano (DUANY; PLATTER-ZYBERK, 1991).

Ambas as escolas de morfologia urbana, a Caniggiana e a Conzeniana, percebem a paisagem urbana como fenômeno histórico onde espaço, tempo e sociedade estão imbrincados, onde o passado, o presente e o futuro estão indissociavelmente ligados, onde projeto e planejamento estão fundamentados no entendimento de processos genéticos, ainda que com focos distintos, que o passado abriga.

Alguns desdobramentos recentes da escola inglesa de morfologia urbana privilegiaram a micro morfologia urbana. Examinaram mudanças empreendidas nos prédios e nas suas relações com os respectivos lotes e quarteirões, acumuladas em espaços contíguos ao longo de um certo período de tempo, e identificaram etapa de um possível processo que chamaram de “efeito vizinho” (WHITEHAND, 2001) ou efeito repercussão, e a configuração de alguns padrões espaciais emergentes. O estudo desses padrões espaciais sinalizou relações entre períodos morfológicos e processos tipológicos, aproximando as duas escolas, inglesa e italiana. No entanto, as pessoas que criavam a paisagem urbana, enquanto tomadores de decisão ainda que anônimos, raramente mereceram destaque nessas abordagens.

As relações entre a forma urbana e a tomada de decisão, focalizando a maneira com que numerosas iniciativas, tomadas em separado no tempo mas juntas no espaço, combinaram-se para criar padrões espaciais recorrentes no tecido urbano. Esse entendimento aparece nas formulações originais do fundador da Escola Inglesa de morfologia, especificamente, na formação do que chama de “fringe belt” que aqui traduzo como borda. Conzen entende a borda como a moldura que marca, espacialmente a mudança de uma região morfológica para outra. Com essa qualidade, a borda articula as identidades das diferentes zonas históricas da cidade mediante a separação visivelmente perceptível dos distintos períodos morfológicos.

Usos e ocupações considerados característicos de borda, em cidades com muitas camadas de tempo sedimentadas, podem ter outro entendimento em países mais jovens onde a dinâmica de transformação urbana é muito mais acelerada.

Na minha pesquisa, no Brasil, nos últimos trinta anos desenvolvendo método de leitura de configuração urbana focalizando, inicialmente, as mudanças empreendidas em áreas projetadas - conjuntos habitacionais - e a configuração e consolidação dos assentamentos chamados 'espontâneos', identifiquei a borda como espaço de transição onde a permissão é o fator singular de grande atratividade para a sua ocupação, quanto maior a desigualdade social e econômica na região onde aquela está inserida.

Ao contrário dos tecidos urbanos consolidados e regulados, a borda, na condição de permissiva, oferece a possibilidade de usos e ocupações ditos informais, que, na falta de alternativas de outros sítios, adquirem singularidade que atrai, agrega e estimula a rápida consolidação de novos tecidos urbanos. Esta constatação abrange não apenas as favelas mas, também, as significativas transformações realizadas em conjuntos habitacionais, construídos nas bordas de cidades, desprovidos de quase tudo, inicialmente mono-funcionais, e que a partir de mudanças individuais cumulativas no espaço e no tempo, foram transformados e absorvidos pela cidade, como bairros com centralidade própria.

A infraestrutura, nesses sítios, ainda que precária, é, na maior parte dos casos, produzida e instalada sem a participação do setor público. Prevalece a auto provisão da habitação e dos serviços urbanos, como condição da ocupação e, nas etapas subsequentes de consolidação, a auto regulação é negociada como pacto social local. A configuração urbana orgânica, assim produzida, é aqui entendida como resultado das apropriações espaciais individuais cumulativas, que, uma vez agregadas tendem a consolidar-se, adquirindo identidade e valor, e, em alguns casos, o reconhecimento dos demais grupamentos da sociedade. Novas centralidades assim emergem, articuladas com as pré-existentes, com vitalidade própria, e nova borda se forma, mais longe, aberta a outras possibilidades de apropriações individuais cumulativas com repercussões coletivas.

Alguns projetos urbanos propostos e conduzidos pelo Poder Público, atualmente (2015) justificados como estratégicos para a cidade, distinguem-se pela grande escala física, grande abrangência territorial, grandes aportes financeiros obtidos mediante parcerias entre os setores público e privado. Apresentam o propósito da revitalização de uma grande área ocupada, composta por regiões morfológicas distintas e zonas históricas importantes, considerada degradada pela baixa ocupação, baixa renda, baixo dinamismo econômico, baixa ou precária manutenção, tanto das edificações privadas quanto dos espaços públicos.

A forma urbana proposta, nesses casos, é, com frequência, muito diferente das pré-existentcias, tanto na escala quanto na tipologia. A hipótese subjacente a esses projetos é que a vitalidade urbana estaria associada à elevação de tudo que está baixo, anteriormente referido, à luz dos critérios de dinamismo aplicados pelos novos e poucos tomadores decisão.

Neste artigo, examina-se segmentos de áreas centrais de duas cidades, à luz da hipótese referida no tópico anterior “de que a vitalidade urbana está associada a múltiplas iniciativas de apropriação da cidade, com diferentes escalas físicas, acumuladas no mesmo espaço e consolidadas ao longo de períodos distintos de tempo, empreendidas por variados decisores individuais e coletivos”. A análise trata da gênese de tecido urbano selecionado na área central do Rio de Janeiro. O recorte abrange zona histórica dentre as mais antigas da cidade, localizado dentro da área de intervenção de grandes projetos urbanos ora em fase de implantação.

Este artigo tem como foco contribuir para o desdobramento das relações entre a forma urbana e a tomada de decisão.

## O ESTUDO DE CASO E O MÉTODO

O recorte territorial escolhido para ilustrar a perspectiva analítica que este artigo constrói está sofrendo intensa dinâmica de transformação - um segmento da área portuária do Rio de Janeiro Compõem o panorama urbano a ser delineado, os territórios produzidos, pré-existentcs e projetados, ocupados e ativos, nas formas e forças de expansão e encolhimento, fruto das ações dos variados agentes de mudança no passado e no presente, das variadas formas de apropriação territorial praticadas. O foco da análise morfológica é revelar a genética dessa área, as forças que agiram na sua configuração, nas dimensões ambiental, morfológica, social, cultural, econômica, institucional e de mobilidade. É propósito revelar as múltiplas diferenças e convergências entre a cidade intencionada, que a regulação estabelece, e a cidade produzida, tanto pelo plano ou projeto formal quanto pela configuração orgânica herdada, produzida por múltiplas iniciativas individuais cumulativas e, ainda, em construção.



No foco das atenções, intenções e intervenções do Poder Público, e do setor privado, em diferentes fases de materialização, está o projeto de renovação do porto chamado Porto Maravilha. Apresenta pré-existências, de diferentes temporalidades, expressas em apropriações espaciais voltadas para usos e formas de ocupação e de produção do solo contemporâneas, assim como, também remanescentes de outros períodos temporais - formas e funcionalidades convivendo na atualidade.

O território, mais particularmente o espaço que habitamos, constitui plano de confluência de processos naturais e sociais de convivência e configuração do meio em que se vive. Esses processos, sob certas condições, compõem-se como elos de uma mesma corrente, por meio da convergência de discursos, fatos e poderes que não podem ser reduzidos uns aos outros, mas percebidos como constituindo uma rede de múltiplos significados. Quando aquelas condições coexistem e perduram, a cidade, a paisagem e a sociedade se integram, tecem relações afetivas, conquistam significados coletivos que tendem a consolidar-se com prestígio e valorização identitária.

A convivência no espaço em bases harmoniosas, e a convergência no tempo de agora, dessas diferentes manifestações nas variadas fases de concretude que apresentam, constituem desafios que já são enfrentados por diferentes atores/produtores da cidade. Os resultados de alguns desses enfrentamentos serão a seguir apresentados.

## MÉTODO DE LEITURA

O desenvolvimento do método de leitura da cidade aqui adotado (CARVALHO, 2010); (CARVALHO; COELHO, 2009) privilegia o capital genético de espaços públicos singulares e as redes de relações e conexão que entre si estabelecem. Busca identificar no tecido urbano, produzido por diferentes agentes em épocas distintas, vestígios e reflexos das características constitutivas espaciais e suas repercussões sobre a vitalidade, os usos e as formas de ocupação praticadas.

Enquanto procedimento analítico tem origem em estudos de transformações urbanas em grandes projetos habitacionais, promovidas por sucessivas iniciativas individuais,

cumulativas e agregadoras, com visíveis repercussões coletivas, realizados pela primeira autora deste artigo, ao final da década de setenta, cujos resultados foram publicados, em 1983, 1985, 1993. Desde então desdobrado e testado em diferentes pesquisas, foi revisto e consolidado em pesquisa de pós-doutorado. A oportunidade de novas aplicações, em diferentes pesquisas, tem gerado novas publicações com diferentes parceiros entre colegas professores, (CARVALHO; COELHO, 2009), e orientandos de mestrado e doutorado (CARVALHO; BRASIL, 2011); (CARVALHO; LAMOUNIER, 2014); (CARVALHO; SANTOS, 2014).

A categoria analítica ‘singularidade atrativa’ é aqui adotada no entendimento das forças que essas disparam de atração, agregação e consolidação de intervenções urbanas e arquitetônicas sobre o espaço. Essas intervenções apresentam-se em diferentes escalas. Tanto sob a forma da configuração urbana chamada orgânica, onde as **apropriações espaciais individuais cumulativas**, na micro-escala, ou “micro morfologia” (WHITEHAND, 2001) têm, com frequência, **repercussão coletiva agregadora** com tendência à **consolidação**, (CARVALHO, 2009) quanto sob a forma de empreendimentos imobiliários planejados. Em conjunto, tendem a **atrair e agregar**, cumulativamente no tempo e nos espaços de abrangência, múltiplos usos e atividades complementares associados à **vitalidade urbana**. São fontes de animação, induzem o crescimento e reforçam o tecido urbano. A **consolidação** dessas formas de ocupação, reforçam e **valorizam a atratividade** daqueles espaços ou atributos excepcionais ampliando a sua área de influência. **A consolidação é gradativa e cumulativa e tende à valorização do conjunto e ao reforço identitário**. Sob certas condições, verifica-se, com frequência, uma tendência à perpetuação, ou seja, a **geração de atração pela singularidade induz novos investimentos, que por sua vez reforçarão as singularidades e o seu poder de atração e assim, sucessivamente, em tempos distintos expressos nas formas arquitetônicas e urbanas**.

O método da análise adotado apoia-se em Conzen ao abranger a dinâmica da evolução, e nas forças de atração e repulsão, delineadas por Bacon, centrípetas e centrífugas no clássico *Design of Cities* (1968), para reconhecer as etapas ou fases de atração que geram tecidos consolidados. Desdobra-se com a identificação de singularidades atrativas aqui entendidas como atributos excepcionais do espaço analisado, destacável em uma ou mais dimensões qualitativas seja esta ambiental, morfológica, social, econômica, cultural ou regulatória. A ação motora dessas singularidades é classificada em distintas fases

sequenciais de configuração orgânica do tecido urbano - **atração, agregação, consolidação e valorização identitária**. Na primeira fase, de atração, as singularidades percebidas atraem, inicialmente, pelo seu potencial de fruição.

Seguem-se apropriações espaciais individuais cumulativas que, em conjunto, têm repercussão coletiva. Reforçam-se, umas às outras, e disparam as fases seguintes de agregação e consolidação gradativas, em diferentes ritmos dependendo da intensidade das forças de atração. A última fase, de valorização identitária, resulta das relações afetivas que o público estabeleceu, no espaço e no tempo, e que distinguiram o processo de configuração urbana orgânica, de apropriação e pertencimento, com a cidade resultante. Essas forças e fases, e suas relações, ajudam a desvendar as dinâmicas de transformação em curso nos espaços públicos e na malha urbana, e em sua área de influência e atração. Contudo, a identificação do processo de sedimentação das temporalidades não é óbvia. Exige investigação. Mapas, textos, expressões artísticas diversas e marcas existentes no território contribuem na construção de hipóteses sobre as forças de configuração e na lógica de localização espacial.

A construção dessa perspectiva analítica é apresentada sob a forma de hipóteses de campo de forças de configuração na análise de segmento da área central e portuária do Rio de Janeiro. Favoreceu o entendimento dos processos atuantes, esclarecendo percursos de interligação e a rede de conexão entre os espaços públicos complementares e auxiliando na leitura das margens.

Os espaços públicos possuem leituras diversificadas de acordo com a intensidade e a multiplicidade das lentes do olhar. Enxergar a partir de escalas distintas permite reconhecer o tecido urbano na sua constituição, forma, usos e gêneses de maneira complementar. Cada escala referência exprime informações características às suas representações.

#### **RIO DE JANEIRO: GENÉTICA URBANA EM SEGMENTO DA ÁREA CENTRAL**

As atividades e funções exercidas são dinâmicas e em alguns momentos se diversificam, ora se expandem, ora se retraem.

A região portuária do Rio de Janeiro

As funções e atividades portuárias na cidade do Rio de Janeiro surgem, e se estabelecem, com a sua fundação e, desde então, acompanha sua evolução urbana. Assim foi configurada a região da atual Praça XV que sediou o principal porto da cidade até o século XIX. Ao mesmo tempo e ao longo do mesmo período de tempo, a praça, que até o início do século XX era chamada Terreiro do Paço, acumulava as funções de centro do poder político, sediado no Paço, representando a Coroa Portuguesa na colônia. Do Terreiro até a casa da Alfândega, estendia-se eixo de ligação ladeando os armazéns e trapiches que ocupavam a linha da costa, à maneira da antiga Rua Nova dos Ferros em Lisboa (CARVALHO; COELHO, 2009). Ligação estratégica para a fiscalização dos impostos devidos, a sua **singularidade** reforçada pelo prestígio e pelo poder da Coroa, **atraía e agregava** novos negócios, complementares, disparando o processo de **valorização** da área para aquelas funções específicas. Outros caminhos paralelos foram se formando, gerados pela **expansão do mesmo conjunto de forças de geração**, configurando algumas primeiras versões do tecido urbano original da cidade (Abreu, 1967) e das funcionalidades que distinguiram o Centro do Rio.

A singularidade morfológica do Paço expressa no requinte arquitetônico, atraiu e induziu a beleza e a nobreza, possíveis à época, dos prédios que lhe definiram as margens. **O poder atrai e reforçou as demais singularidades atrativas da praça e dos eixos.** A excepcional localização, constituindo **singularidade atrativa em termos geoambientais**, favoreceu a contemplação da paisagem marítima e, apoiadas na referida singularidade política e institucional, **atraíram e agregaram**, para o seu entorno próximo, distintas formas de apropriação espacial, para atividades sociais, culturais, **consolidando**, em retorno, as atividades políticas e econômicas que lá já estavam postas.

Após a chegada da família Real a cidade se expande, a Praça **ganha prestígio e acelera a consolidação e a valorização** do seu entorno. As atividades portuárias são deslocadas para a **borda, área de transição** do tecido urbano consolidado. O porto passa a integrar a região da Prainha, Valongo e Saúde, localizadas nos atuais bairros da Saúde e Gamboa, que até então abrigavam alguns trapiches e atividades comerciais de menor porte.

O mercado de escravos da cidade é deslocado para a borda, o Valongo, até a sua extinção em 1830, e uma série de atividades, configurações e relações sócio espaciais lhe sucedem

e se estabelecem na região. Em 1843 é construído sobre o Caís do Valongo, o Caís da Imperatriz, provavelmente como uma primeira tentativa de valorização da localidade. A singularidade da intervenção é percebida como atrativa para usos afins e complementares, que se agregam ao longo do percurso entre o novo cais e ao antigo terreiro do Paço. A partir de então a atividade portuária se intensifica e consolida a ocupação por trapiches ao longo de toda a linha da costa, assim como, também, com armazéns e comércio. O prestígio e a valorização da área para essa função portuária é sinalizada pela construção das Docas do Imperador, assim permanecendo até o final do século XIX.



Figura 1: Parte do Mapa da Cidade do Rio de Janeiro de 1851, com destaque para região central. O destaque em amarelo indica a região do Terreiro do Paço, atual Praça XV. O destaque em laranja indica a região do Valongo, atual zona Portuária da Cidade. Fonte: Biblioteca Nacional.

A abolição da escravatura, a perda de receita na agricultura, os grandes grupos de ex-escravos que migram para as cidades em busca de sobrevivência e se alojam em cortiços insalubres, o fim do Império com a proclamação da República, o retrocesso da primeira constituição federal republicana e a mudança do ethos do Estado brasileiro no Novo

Regime, trazem mudanças significativas para o exercício do Poder. As manifestações físicas, morfológicas e territoriais, do Novo Regime na cidade do Rio de Janeiro, sinalizam a perda da hegemonia portuguesa como cultura de referência. O crescimento das relações econômicas com outras nações marcou a ascensão das influências culturais francesa e norte-americana e a introdução de novos padrões espaciais na produção de grandes projetos urbanos.

No início do século XX, as reformas impostas por Pereira Passos transformam a cidade sobretudo na área central. A região é modernizada e ampliada, por meio da produção do grande aterrado e pela construção do novo Cais do Porto finalizado em 1911, ao longo dos bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo. A construção de grandes galpões e moinhos, esses se destacando pela arquitetura cuidadosa, sinalizam a importância econômica e política do Porto do Distrito Federal, associando a modernização física ao novo governo. Por outro lado, a construção da Avenida Central e a realização do concurso de fachadas em estilos compatíveis com a nova imagem de cidade, de cultura e de sociedade que ao governo federal interessava mostrar, marcaram sobremaneira o traçado viário e as tipologias arquitetônicas francesas de origem e de gosto.



Figura 2: Parte do Mapa da Cidade do Rio de Janeiro de 1914, após a realização de grandes intervenções urbanas pelo Prefeito Pereira Passos como a Cais do Porto e a Avenida Rio Branco. Fonte: Biblioteca Nacional.

Ao longo do século XX, a área central recebe, sucessivamente, intervenções urbanas de grande porte e visibilidade, sobretudo de infraestrutura viária, pautadas nos Planos urbanísticos Agache, Doxiadis, Pub-Rio e o Plano Diretor de 1992. Entre as intervenções promovidas estão a abertura do Túnel João Ricardo, a Avenida Presidente Vargas redefinindo, em cada camada de tempo, a face interna da região portuária com o restante da cidade, por meio de zoneamentos urbanos e projetos de alinhamento. A construção de eixos viários como o elevador da Perimetral e o Viaduto da Avenida Trinta e Um de Março, reforçam a acessibilidade valorizando a área para as várias funções que ali se consolidaram como vocações, dentre as quais o Porto é, certamente, a de maior escala visual.

Em 2004, é lançado um grande Projeto Urbano, com larga escala territorial de abrangência. Tratou-se da recuperação e da revitalização Portuária, com uma série de propostas para toda a região. A implementação de parte das propostas, contudo, somente se materializaram quando da atual revisão daquele projeto. O atual projeto de revitalização denominado Porto Maravilha, instituído no ano de 2009, tem algumas daquelas intervenções propostas em fase de construção. O conjunto de intervenções foram associadas, até 2014, aos investimentos para os Jogos Olímpicos de 2016.

Resumidamente o projeto, na sua versão atual (2015), apesar da derrubada do elevador da Perimetral, mantém a capacidade da malha rodoviária com a realização de ampliações e construções de vias e túneis, a instalação o Veículo Leve sobre Trilhos. Gera uma nova estrutura fundiária e novos parcelamentos em alguns trechos e permite a elevação considerável do gabarito. A mencionada expansão, contudo, não parece considerar alguns dos importantes critérios que marcaram a configuração do tecido original - passeios caminháveis, sombreados, margeados por prédios assobradados, com balcões que permitiam a usuários observar a diversidade visual e funcional que caracterizou o fluxo de pessoas e mercadorias, de variadas origens. Essa qualidade do espaço público ganhou, na atualidade, nova denominação, de origem inglesa, walkability, cuja tradução livre aproxima-se, talvez, de percurso gostoso de caminhar.

Este momento de transição, quando várias intervenções de grande escala estão sendo feitas, simultaneamente, em diferentes pontos da região, é oportuno o foco do trabalho nos eixos e percursos. O processo em andamento ainda permite a identificação das configurações e dos usos dos tecidos urbanos anteriores e de como está acontecendo a

adaptação às alterações promovidas ou em promoção pelos vários projetos em fase de implementação.

#### A APLICAÇÃO DO MÉTODO: O TRABALHO DE CAMPO

A delimitação da área de estudo tem como premissa o espaço público, as margens configuradas para múltiplos usos nas ruas lindeiras a esses espaços, e os percursos de interligação a outros espaços públicos complementares. As escolhas dos espaços públicos, com os múltiplos usos que esses atraem, e sua rede de interligação, foram realizadas em uma série de visitas de reconhecimento, em concomitância com os primeiros estudos sobre a história urbana da região portuária do Rio de Janeiro.

A primeira visita foi um reconhecimento inicial. Teve foco nas possibilidades do deslocamento físico e no reconhecimento de alguns espaços públicos expoentes como a Praça da Harmonia, a Praça do Jornal do Comércio e a Praça Mauá. A Rua Sacadura Cabral foi identificada como a interligação objetiva entre estas praças.

O segundo percurso, foi o acompanhamento da visita orientada pelos tutores culturais ligados ao quiosque de divulgação das intervenções do Porto Maravilha. O principal objetivo foi o reconhecimento da região através da visão institucional da Prefeitura, com grande foco no histórico da escravidão e da população negra.

A terceira visita também é um reconhecimento inicial, porém com foco em outros caminhos existentes no entorno do eixo de deslocamento da primeira visita como a Avenida Venezuela, a Rua Camerinos e a Avenida Barão de Tefé.

Após a terceira visita foi possível definir os espaços públicos e as redes de interligação. Foram definidos dois eixos perpendiculares, o primeiro denominado Eixo Sacadura Cabral que tem como extremidades a Praça Mauá e a Praça da Harmonia. O segundo é o Eixo Camerinos que interliga o Caís do Porto à Av. Presidente Vargas. A Praça do Jornal do Comércio, tem suas origens no Caís do Valongo e posteriormente no Caís da Imperatriz, é o ponto onde os eixos se encontram. Com a definição dos eixos e espaços de análise foi possível estabelecer três escalas de trabalho a 1:10.000, 1:5.000 e 1:1.000.



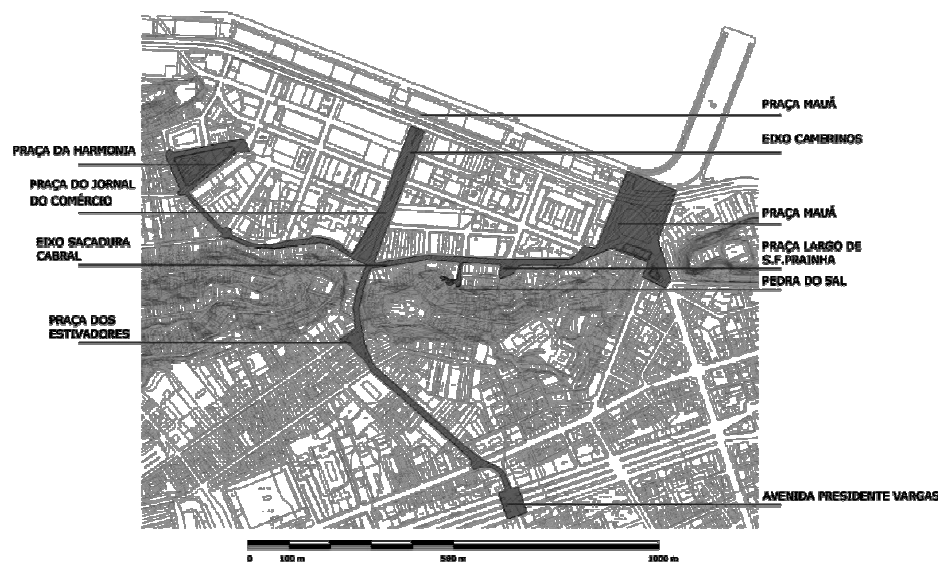


Figura 3: Mapa de localização dos eixos e espaços públicos analisados.

A escala 1:10.000 tem a função de contextualizar os eixos com a malha da cidade, a escala 1:5.000 engloba a delimitação das extremidades dos eixos, permitindo o olhar de inter-relação dos espaços identificados nos percursos, e por fim, a escala 1:1.000, que segmenta os eixos em pequenos trechos, mas aproxima a visão para enriquecer identificação dos múltiplos usos propiciados pelos espaços públicos.

A definição dos eixos, dos espaços de análise e das escalas de leitura em conjunto com o estudo da evolução urbana cadastral tornou possível à geração dos primeiros resultados da aplicação do método de leitura, sobre a lógica de localização e as hipóteses das forças de configuração dos espaços públicos apresentados a seguir:

	LÓGICA DE CONFIGURAÇÃO	HIPÓTESES DA FORÇA DE CONFIGURAÇÃO	
EIXO SACADURA CABRAL: MÁLIA - HARMONIA	EIXO SACADURA CABRAL:	Caminho constituído entre o mar e o morro, ligando as três praias da região, a Prainha, o Valongo e a Saúde. (Séculos XVI e XVII)	As três praias formavam enseadas secundárias da cidade, facilitando a atividade portuária.
	PRAÇA MAUA	Surge no local da antiga Prainha, área de atividade portuária (Século XVII)	Parte do conjunto de enseada secundárias da cidade, facilitando a atividade portuária.
	PEDRA DO SAL	Encosta rochosa a beira do mar separando a Prainha do Valongo (Séculos XVII e XVIII)	O caminho mais curto entre a Prainha e o Valongo, e acesso a ocupação do morro da Conceição.
	ADRO DE SÃO FRANCISCO	Promontório a beira mar. (Século XVII)	Demarcação territorial do morro da Conceição.
	LARGO DE SÃO FRANCISCO	Faixa de Areia a beira mar. (Século XVII)	Área plana em região de atividade portuária.
	PRAÇA JORNAL DO COMÉRCIO	Enseada propícia à atividade portuária. (Século XVII)	Enseada com localização secundária e caminho direto a áreas menos nobres da cidade, propício a atividades indesejadas ou ilegais no porto principal.
	PRAÇA DA HARMONIA	Mercado Público a beira mar em área de atividade portuária (Século XIX)	Área plana em região de atividade portuária com acesso a principal via da região.
EIXO CAMERINOS: CAIS - AV. PRESIDENTE VARGAS	EIXO CAMERINOS:	Caminho de ligação entre as enseadas secundárias da cidade e os "fundos" da cidade através de um talvegue. (Século XVII).	O caminho acontece externamente à cidade, está fora dos muros e interliga um porto alternativo com os fundos da cidade. Provavelmente se desenvolve com atividades não permitidas ou desejadas no porto principal na Praça XV.
	CAIS DO PORTO	Área propícia a expansão e recebimento de grandes estruturas de armazenamento e transporte. (Século XX)	Aterro sobre a Baía, em uma área menos nobre da cidade.
	PRAÇA DOS ESTIVADORES	No meio do caminho entre o Cais e a ligação com a cidade. (Século XVIII)	Alargamento natural do caminho formado pelo talvegue, ou ponto propício à parada e a permanência.
	JARDIM DO VALONGO	Encosta do Morro da Conceição, próximo ao caminho do Valongo. (Século XIX)	Construção de um Jardim para apagar as marcas das atividades ligadas ao comércio de escravos.
	LARGO DE SÃO DOMINGOS	Espaço urbano no entorno da Igreja (Século XVII)	Na Construção da Igreja, e posteriormente a abertura da avenida Presidente Vargas.

Tabela 1 - Lógica de localização e as hipóteses das forças de configuração dos espaços públicos.

A quarta visita foi responsável pelo teste de aplicação do método de leitura urbana adotado com as escalas pré-definidas, especialmente para a escala 1:1.000. O primeiro trecho escolhido abarca a Praça Mauá e a Rua Sacadura Cabral até à esquina da Rua do Escorrega.

Este trecho possui uma configuração morfológica peculiar, com o encontro da Avenida Rio Branco com a Rua do Acre e o encontro da Avenida Venezuela com a Rua Sacadura Cabral. Em ambos os casos ocorre a convergência espacial de vias com origem na ocupação da região, com vias originárias das reformas de modernização do início do século XX. A tipologia arquitetônica revela distintas temporalidades, com a ocupação tradicional de

sobrados às margens do Morro da Conceição em um dos lados da Rua Sacadura Cabral, e com as edificações modernas e contemporâneas do entorno imediato da Praça Mauá, com grandes massas edificadas.



Figura 4: Fotografia do encontro da Rua Sacadura Cabral com a Avenida Venezuela. Ponto de convergência de modelos urbanos e temporalidades distintas. Fonte: arquivo do autor.

As singularidades atrativas constituídas no tecido urbano no passado agregaram distintos investimentos, que por sua vez atraíram novas contribuições no presente. A Rua Sacadura Cabral, em sua origem, teve por função interligar as enseadas e espaços singulares existentes na linha da costa entre a atual Praça Mauá até a enseada existente na atual Praça da Harmonia. Com a sua consolidação como caminho, a sua margem voltada para a Baía é ocupada por trapiches que posteriormente são removidos e dão lugar à expansão urbana promovida pelo aterro que constitui o Caís do Porto. É neste momento que a enseada da Prainha se transforma em Praça Mauá, articulando a Avenida Central ao Caís do Porto, a Rua Sacadura Cabral ganha destaque ao longo do percurso e também recebe investimentos na Praça Municipal (Atual Praça Jornal do Comércio) e na Praça da Harmonia.



Figura 5: A Praça Mauá em fase final de reformas com o Museu do Amanhã ao Fundo. Grandes investimentos gerando perspectivas de novas atrações. Fonte: arquivo do autor.

A Rua Sacadura Cabral mantém a função de interligar as Praças Mauá e Harmonia, e exemplifica em seu histórico, e na atualidade, o poder do seu patrimônio em atrair e agregar investimentos como, por exemplo, o Hospital dos Servidores, a Sede da Companhia de Desenvolvimento do Porto Maravilha, O Museu de Arte do Rio, casas noturnas e novos restaurantes.

No trecho analisado os prédios modernos são monofuncionais, nessa condição repelem outros possíveis usos e usuários, com a exceção de uma edificação cujo embasamento de sua torre possui uma série de lojas voltadas para a rua. As edificações do tecido antigo contêm diversificação de usos ao nível do solo, nos pavimentos térreos que alimentam a atratividade da rua como percurso pedestre.. São edificações com uso misto e atividades comerciais variadas como restaurantes, lanchonetes, hotéis, agência bancária e lojas de utilidades. O passeio por sua vez, abriga atividades complementares e de apoio como jornaleiros, sapateiros e camelôs, que dão preferências para áreas com intensa passagem de pedestres como ocorre no entorno do edifício A Noite.

O Museu de Arte do Rio é no momento o grande ponto de agregação e atração de pedestres e usuários, ainda que sujeitos aos constrangimentos temporários decorrentes das obras de renovação do Porto e do VLT. O sistema viário passa por um processo de mudança, os passeios estão reformados e a Praça Mauá sem acesso aos pedestres. Do outro lado da Praça Mauá, faceando o mar, o Museu do Amanhã, em fase final de construção, anuncia promessas de reforços à atratividade do lugar.

#### ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS À GUIA DE CONCLUSÃO: O CHOQUE DE ESCALAS ENTRE OUTROS

Os novos projetos definidos para a área portuária não apresentam relações de afinidade com as tipologias pré-existentes. A grande escala física que distingue os novos equipamentos coletivos, entre museus, aquário, e espaços públicos abertos como a nova ‘promenade’ de passeio e a própria Praça Mauá, aliada à singularidade das formas arquitetônicas do Museu do Amanhã e do AquaRio, distintas da morfologia da paisagem que os envolve, parecem voltadas para atender igual escala social, em quantidade e diversidade. São grandes espaços na área portuária destinados ao grande público e, também, ao olhar estrangeiro que a imagem mundial da “cidade maravilhosa” atrai e legitima - o “Porto Maravilha”, assim alguns esperam.

Ainda que o patrimônio histórico receba atenção, particularmente no que concerne os vestígios relacionados ao período da escravidão, os novos gabaritos permitidos que os empreendimentos anunciam na visita guiada feita no decorrer do trabalho de campo, sinalizam significativas mudanças nos parâmetros urbanísticos para a área, onde potencialidades imobiliárias e possibilidades de desenvolvimento econômico emergem como cenário de futuro desejado. Resta a pergunta, desejado por quem? Novas tipologias de edificação e parcelamento, se reconhecidas pela sociedade, como prestigiosas, esse valor simbólico uma vez confirmado pelo valor de mercado, certamente, repercutirão no entorno. O chamado “efeito vizinho”, que Conzen identifica, tendo livre curso, poderá pôr em risco as formas arquitetônicas e urbanas pré-existentes e todo o conteúdo simbólico e identitário que abrigam.

Os temas do espaço público e da gestão territorial remetem ao papel do poder público na gestão e na regulação dos usos e ocupação da cidade considerados aceitáveis, desejáveis ou estratégicos para uma dada sociedade. Diferentes visões sobre cidades, produzidas em diferentes contextos culturais, geram, repercussões na atualidade. A perspectiva que aparece, com frequência, como hegemônica, privilegia a ação das forças econômicas locais e internacionais (Sarssen, S., 1994), marcadas, mais do que antes, pelas tecnologias de comunicação e de transporte (Castells, M. e Hall, P., 1994), na produção do território. Suas repercussões espaciais, na escala mundial de interesses que representam, parecem se distinguir pela descontextualização da intervenção como critério de projeto, sobrepondo formas e intenções sem, necessariamente, considerar articulações vitais, na escala local. Inúmeros desperdícios são, assim, gerados e ainda restam por ser avaliados.

A simultaneidade e o ritmo de todas essas mudanças transformaram as relações entre a sociedade, o território e o poder público, substituindo as antigas certezas pelas incertezas, inseguranças e perplexidades. Alguns autores atribuem a tendência crescente ao conservadorismo “auto-preservador”, a essas incertezas e inseguranças.

Essa espiral crescente de ações e reações ao “fechamento dos campos”, sejam esses rurais, como no passado remoto, ou urbanos, como agora, não tem, historicamente, um final feliz. Segregações, rupturas e descontinuidades no território penalizaram milhares de pessoas no passado. Àquela época, no entanto, ainda havia o novo continente americano como ‘retro-área’ para abrigar o excedente populacional gerado pela evolução tecnológica mas e agora? Para onde vamos?

## REFERÊNCIAS

ABREU, Mauricio de; MARTINS, Luciana. **Paradoxos da Modernidade**. O Rio de Janeiro do Período Joanino, 1808 - 1821. In FERNANDES, E. e VALENÇA, M. M. Brasil Urbano. Rio de Janeiro: Maud, 2004.

ABREU, Maurício de. **Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. 4ª edição. Rio de Janeiro: IPP, 2008.

BACON, Edmond. **Design of Cities**. London: Thames e Hudson, 1974.

BROADBENT, Geophrey. **Emerging Concepts in Urban Space Design**. London, Van Nostrand Reinhold, 1990.

CANIGGIA, Gianfranco. **Tipologia de la edificacion estructura del espacio antrópico**. Madrid: Celeste Ediciones.1979.

CASTELLS, M. e HALL, P. **Technopoles of the World, the making of twenty-first-century industrial complexes**. London: Rutledge, 1994.

CARVALHO, Thereza. The Space of Citizenship - visually perceived non-spatial dimensions of housing. In: ARIAS, E. (org.). **The Meaning and Use of Housing**. Aldershot, Avebury, 1993.

\_\_\_\_\_ Achados, perdidos e condenados: mutações e rupturas no DN dos espaços públicos. In: **Actas de Uma Utopia Sustentável**. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, 2010.

CARVALHO, Thereza e BRASIL, M. Turismo, atração, dispersão e desperdício. In: GAZZANEO, L.M. (Org.) **Espaços Culturais e Turísticos em Países Lusófonos - vol. Cultura e Turismo**. Rio de Janeiro: PROARQ/UFRJ, 2011.

CARVALHO, Thereza; COELHO, DIAS, Carlos. **O capital genetico das redes de espaços públicos**. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROARQ, 2009.

CARVALHO, Thereza; LAMOUNIER A. **Espaços Públicos, Conectividade e Equidade Espacial na Cidade do Rio de Janeiro**. In Anais III ENANPARQ. São Paulo, ANPARQ, 2014.

CARVALHO, Thereza; MATTOS, G.M. Concepções de future e percepção do passado: um olhar estrangeiro sobre o Rio de Janeiro e Lisboa. In GANDARA, G.S.(Org). **Naturezas e Cidades**. Goiânia: Editora PUC Goiás, 2012.

CARVALHO, Thereza; SANTOS, Aline. O passado tem futuro? Um estudo sobre a persistência dos espaços públicos. In: COSTA, M.L. e SILVA, M.L. P. (Org.). **10 Anos - Produção e Gestão do Espaço**. Niteroi: APERJ/UFRJ/EAU/PPGAU- CASA8, 2014

CONZEN, M R. **Alnwick, Northumberland: a study in town plan analysis**. London: George Philip, 1960.

DUANY, Andres, PLATER-ZYBERK, Elizabeth. **Towns and town-making principles**. New York: Rizzoli,1991.

INSTITUTO MUNICIPAL DE URBANISMO PEREIRA PASSOS. **Morro da Conceição, da memória ao Futuro**. Rio de Janeiro: Sextante, Prefeitura, 2000.

KOSTOF, Spiro. **The city assembled** - the elements of urban form through history. Londres: Thames and Hudson, 1992.

KOSTOF, Spiro. **The city shaped** - urban patterns and meanings through history. Londres: Thames and Hudson, 1991.

ROSSI, Aldo ROSSI, Aldo. **Arquitectura de la ciudad**. Barcelona. Gustavo Gilli, 1966.

SHLUGER, Ephim; DANOWSKY, Mirian. (org). **Cidades em Transformação: Rio de Janeiro, Buenos Aires, Cidade do Cabo, Nova York, Londres, Havana**. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2014.

TIAN, Y., GU, K., & TAO, W. **Urban Morphology, Architectural Typology and Cities in Transition**. Beijing: Science Press. 2014.

WHIETEHAND, Jeremy. British urban morphology: the Conzenian tradition. **Urban Morphology**, ISUF, V.5, N.2, 2001, p.103-109.